

Helena Albuquerque
Maria Carolina Accioly
Tide Setubal Nogueira
Veronica Melo

Apoiados permanentemente pelo estudo do tema do feminino na atualidade e pelas questões clínicas que se desdobram de sua articulação com a história, a cultura e fatos da vida cotidiana, na trilha das pesquisas e discussões produzidas nos últimos anos pelo grupo *O feminino e o imaginário cultural contemporâneo*, que culminaram na jornada *Corpos, sexualidades, diversidade* realizada em 2015; retomamos o trabalho este ano atravessados pela célula semântica: *trans*. Interessa-nos olhar mais de perto para a questão das pessoas que estão em trânsito, em transformação, seja em relação à diversidade sexual e de gênero seja em relação à posição subjetiva e sócio-política.

Em oposição à mobilidade inferida no *trans*, os discursos fanáticos que têm imperado no mundo e se fazem presentes na nossa sociedade nos mobilizam a pensar sobre a relação com o diferente, com o feminino, com aquilo que faz fissura no pensamento e no campo de certezas. Isso porque os discursos totalizantes engendram a impossibilidade de conversar com o discurso diferente. Marcam a impossibilidade, justamente, de transitar, e aquilo que pode abrir brechas nas certezas se torna um inimigo a ser combatido.

A psicanálise e os estudos da feminilidade - que abrem para a diferença e a singularidade, opondo-se à busca de totalização e de certezas fálicas - oferecem recursos para escutarmos o outro, não enurdecer. Trata-se de uma escuta aberta aos novos discursos e à polissemia das significações, sendo possível interrogar as oposições binárias com que nos acostumamos a raciocinar. Não se trata de substituir um discurso pelo outro, ou ainda, por exemplo, de desfazer as marcas de gênero ou das referências heterossexuais, mas sim de modificar as posições de enunciação e sua força sobre as instituições e tecnologias sociais heteronormativas.

Para Derrida, a estratégia desconstrutivista “remete a um trabalho do pensamento inconsciente (isso se desconstrói), e que consiste em desfazer, sem nunca destruir, um

sistema de pensamento hegemônico ou dominante.” (Derrida e Roudinesco, 2004 p.9¹) Esta proposta de desconstrução e abertura para novos discursos viabiliza algum trânsito com a finalidade de produzir reconstruções cambiantes, para resistir a tirania do um, presente nos discursos fanáticos e totalizantes. O significante *trans* circula como chave estratégica para criar um espaço fecundo ao pensamento, no qual se inclui o saber inconsciente, assim como a possibilidade de conviver e transitar pela diversidade.

O *discurso totalizante* busca restituir o eu ideal, registro no qual não opera a castração simbólica: ora o eu é idealizado como tudo, ora o outro é idealizado como completo. Segundo Hugo Bleichmar², há uma equiparação da parte com o todo, o discurso passa a ser equivalente a realidade e não um ponto de vista sobre ela. Há uma homogeneização e um congelamento das significações, no qual encontramos a primazia absoluta de um único sentido sobre o significante. Nesse registro totalizante, passional e previsível, o discurso do ódio pode se manifestar tomando a alteridade como uma ameaça narcísica.

De modo diferente, o que ele chamou de *discurso discriminante* se constitui a partir do ideal de eu e não se pretende como total e completo. Carregando a possibilidade de um não-saber, do saber incompleto, tornando-se permeável, aberto para trocas, ele se testa na realidade e, portanto, é suscetível a se afetar e a se transformar a partir do encontro com o outro, numa lógica de intercâmbios.

Essas duas modalidades distintas de organização discursivas não são estanques, ou seja, um sujeito muitas vezes oscila entre essas duas posições subjetivas. Nos interessa pesquisar como esses discursos se apresentam e, encontrar, nomear e entender como são as construções dos discursos discriminantes, ou seja, aqueles mais abertos e permeáveis.

(METODOLOGIA)

Como forma de seguir pensando sobre essas questões, escolhemos como metodologia escutar adolescentes, *sujeitos em trânsito*. Adolescentes não são mais crianças, tampouco adultos e, nessa travessia, questionam muitas das certezas do mundo, transformam-se, assim como as trilhas por onde passam. Consideramos que são interlocutores fundamentais para pensar a cultura, seus movimentos e os trânsitos subjetivos de uma época.

¹ Derrida, Jacques; Roudinesco, Elisabeth. **De que amanhã... Diálogos**. Ed. Zahar, 2004

² Bleichmar, Hugo. **O Narcisismo – estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente**. 1981

A partir das novas movimentações desses jovens, nos perguntávamos o que eles estavam dizendo, pensando e fazendo. Realizamos, então, duas rodas de conversas com adolescentes do ensino médio. Uma em São Miguel Paulista com 15 adolescentes que estudam em escolas públicas e a outra no Sedes com 8 adolescentes que estudam em escolas particulares da Zona Oeste. As rodas de conversa duraram duas horas, foram gravadas e aconteceram em torno de uma seleção de fotos de acontecimentos sociais variados da atualidade, sobre as quais os adolescentes foram convidados a falar livremente o que pensavam.

As fotos como disparadores buscaram garantir que a conversa pudesse circular por alguns temas que nos interessavam discutir, dando um norte e um contorno para a roda. Ao mesmo tempo, tais imagens propiciaram uma abertura suficiente para que os jovens falassem livremente de suas ações, pensamentos e histórias.

O conteúdo resultante dessas rodas de conversa é instigante. Exploramos especialmente a temática do *jovem-sujeito-sexuado-político-em-transformação*.

(OS SUJEITOS SEXUADOS E POLÍTICOS)

A palavra trânsito aponta para um movimento; sair do lugar, construir um trajeto, atravessar fronteiras, circular, transformar-se. Esses jovens com quem conversamos estão buscando ocupar espaços diversos e novas posições subjetivas em suas vidas. Ocupar a vida de outra forma, escolher caminhos, trajetos inesperados. Ocupar-se de suas vidas com apropriação subjetiva do desejo, ou, nas palavras deles, na posição de protagonista.

Nesse sentido, tem sido de uma enorme importância os movimentos feministas, negros, passe-livre, de ocupações das escolas pelos secundaristas. Neste movimento de ocupação das escolas, por exemplo, vimos como os jovens estavam implicados, lutando por um projeto coletivo, o que teve um efeito importante na transformação de suas subjetividades.

Aqui queremos tratar a ocupação como um acontecimento político e histórico, mas também como uma ocupação simbólica do sujeito, ou seja, quando ele se ocupa de espaços, luta por causas e projetos de vida, de maneira protagonista, ativa, desejante e potente. Dessa forma, o jovem se descola da identificação com um lugar no qual sua voz não é levada em conta e até desqualificada, para ocupar um lugar de *jovem-sujeito-sexuado-político*.

Nem todos os jovens de ambas as rodas participaram ativamente das ocupações, entretanto este foi o tema do qual falaram mais entusiasticamente. Além disso, um

mesmo protagonismo jovem aparece no ativismo e posicionamento com relação ao movimento feminista nas duas rodas.

A partir dessas conversas, buscamos pensar em quem são esses *jovens em trânsito* e o que eles nos indicam sobre as transformações atuais na nossa sociedade.

Uma pesquisa recente do *Update Politics*³ com jovens entre 18 e 32 anos chamada “Sonho Brasileiro da Política” buscou mapeá-los. Ela mostra como a manifestação de 2013 fez uma marca crucial na formação subjetiva dos jovens, e teve um efeito de *desobstrução de um canal de pensar e agir na política*.

Como resultado, temos um maior número de jovens ativos politicamente, seja numa posição de formadores de opinião, seja numa posição de atuar na transformação concreta da realidade. Esses últimos, são chamados de “hackers da política”, pois são jovens que buscam entender o sistema político e encontrar brechas, para conseguir finalmente transformar seu funcionamento. Como exemplo desse último grupo, temos justamente os secundaristas.

Peter Pelbart⁴ observa que este movimento de resistência foi um acontecimento irreversível, que mostrou um destampe da imaginação política, um corte na continuidade do tempo político. E como ruptura, não pode ser lido com categorias disponíveis anteriormente. Assim, esse movimento nos remete mais à potência inventiva e inovadora dos jovens, do que aos discursos totalizantes e fechados.

As ocupações realizadas pelos secundaristas podem ser pensadas como um dos desdobramentos das manifestações de 2013 aqui no Brasil, mas também como um movimento conectado às novas tendências mundiais. Existe um novo ecossistema de inovação política acontecendo, no qual sujeitos de diferentes países trocam tecnologias de transformações sociais. No caso específico das ocupações, por exemplo, a de São Paulo foi inspirada em outras ocupações que aconteceram anteriormente no Chile e simultaneamente no Paraguai. Talvez o maior efeito subjetivo das ocupações que pudemos escutar nas rodas de conversa foi um despertar para a política, a partir de uma posição de protagonismo cidadão.

Isso ficou bastante claro em algumas falas: “Antes da ocupação a gente não entendia muito de política, a gente não se preocupava muito em ir atrás de informações. Eu me sentia com uma *tarja na boca*. Então, a gente queria fazer tal projeto e recebia um

³ <http://updatepolitics.cc/>

⁴ Carta aberta aos estudantes secundaristas

“não pode” e a gente ficava quieto. Depois da ocupação a gente viu que temos uma força muito grande. Agora a gente bate o pé.” Ou ainda: “depois disso *mudou por completo a minha vida*, o que era dado como impossível, a gente conseguiu realizar.”

Na mesma direção, alguns jovens manifestaram o incômodo diante da desvalorização de suas próprias falas na nossa sociedade, como se o fato da adolescência ser uma fase transitória, uma passagem, invalidasse seus pensamentos, ditos e atos. Diz um jovem: "vejo cada vez mais, principalmente com o que aconteceu esse ano (ocupações), o jovem com uma vontade de ser e estar...tanto na parte artística quanto para reivindicar na política. Cada vez a gente vem protagonizando mais...ocupando espaços".

Vemos que uma importante e inédita experiência que atravessa esses jovens é o *trânsito da fala, do pensamento, do corpo*. Em muitos momentos, não se sentem mais com uma “tarja na boca”, eles querem “ser e estar” na sociedade. O trânsito no espaço público potencializa e dá corpo à essa experiência. Num primeiro momento, o que buscavam com as manifestações de rua era um maior diálogo com a Secretaria de Educação, mas esbarraram com um canal ensurdecido e interdito. Nesse momento, partem para um ato mais contundente e com uma demanda mais potente: a ocupação das escolas, visando frear a reorganização, lutando por uma educação de qualidade para todos.

Interessante notar que esses jovens são movidos por causas avulsas – movimentos secundarista, feminista, do passe-livre, das cotas, dos negros, etc – em que eles estejam implicados como sujeitos. As causas só fazem sentido se fizerem parte da vida cotidiana, da realidade ou dos sonhos deles, compondo ao final um mosaico ideológico. Muitos desses jovens não compram um pacote ideológico pronto, não se vinculam à um discurso partidário específico, ainda que não se oponham à política representativa partidária.

Percebemos que o esforço por manter um discurso-ideológico-teórico coerente pode, por vezes, ter uma função defensiva diante da velocidade e fluidez das mudanças atuais. Na fala de uma jovem, ela se diz assustada com a falta de conhecimento mais aprofundado e de coerência nos discursos que encontrou na passeata feminista, querendo saber, das pessoas com as quais conversava, por exemplo, qual a vertente do feminismo que era defendida.

Outro aspecto fundamental, nessas novas ocupações dos jovens, é a horizontalidade na tomada de decisões e a não atribuição do poder de comando a uma única liderança. A expressão coletiva das decisões, feitas em forma de jogral, por

exemplo, reforçam a ideia da implicação de todos e de cada um nos rumos do movimento. A responsabilidade é compartilhada pelos participantes do coletivo, se constituindo como um grupo pensante. A identificação se dá entre pares com um objetivo comum e se renova, ou não, a cada novo objetivo a ser alcançado. Nesse sentido, o efeito de massa, com suas características de homogeneidade e alienação ao líder que encarna o ideal, pode ser dificultado pelo tipo de organização proposto.

No caso das ocupações, o que lhes uniu foi uma causa. Eles nos contam assim: “Eles queriam fechar a nossa escola. Daí o pessoal começou a lutar contra isso porque a gente percebeu que a coordenadora não estava nem aí... E foi a partir desse momento que o pessoal ficou *unido por um mesmo ideal*. Antes, a gente nunca tinha visto esse movimento porque a nossa escola tinha um jeito de ser separado por panela. Ali tem a panela dos populares, ali tem a panela dos esportistas, ali tem a panela do pessoal do grêmio, ali tem a panela dos estudiosos. E nas *manifestações o pessoal estava todo junto e com consciência do que estava acontecendo*.”

Essa potência transformadora do movimento aparece nas múltiplas atividades que eles organizaram durante as ocupações: show de talentos, atividades esportivas, aulas de teatro, sarau em parceria com uma biblioteca vizinha, que antes nunca tinha feito nada em conjunto com a escola, assembleias em que todos participavam com direitos iguais. Outro desdobramento importante foi a abertura para outros segmentos, resgatando a escola como lugar de participação da comunidade.

Sustentamos a hipótese de que esses jovens, lutando por causas avulsas, ao participarem dessas novas formas de agrupamentos coletivos - organização em rede, num modo descentralizado de liderança, com protagonismo, fluidez e porosidade - podem encontrar uma possível saída para não construírem movimentos fanáticos, sustentados por discursos totalizantes.

Os próprios jovens se questionam sobre as doutrinações que aparecem como tentativas de confrontar o sistema. Apontam o ritmo frenético em que as ideias e imagens se propagam e se perdem no tempo, dificultando a capacidade de digestão, questionamento e apropriação. Como aparece na fala de uma adolescente em que ela conta sobre um momento no qual se viu tomada por um ódio e por um discurso extremista, que não reconhecia como sendo dela.

Outro aspecto fundamental na construção subjetiva e política dos jovens são as novas mídias. Apesar das redes sociais muitas vezes fomentarem discursos repetitivos,

doutrinários, sem troca com o diferente, e sem tempo para elaborações, percebemos que através delas os jovens também podem expandir a capacidade de organização e de intercâmbio, potencializando o desejo transformador.

Quando falamos em jovens sexuados-políticos sugerimos propositalmente uma imbricação desses dois aspectos. Freud⁵ afirmava que a essência de uma formação grupal são os laços libidinais entre os membros do grupo: "A experiência demonstrou que, nos casos de colaboração, se formam regularmente laços libidinais entre os companheiros de trabalho, laços que prolongam e solidificam a relação entre eles até um ponto que vai além do que é simplesmente lucrativo."(1921) Coloca assim o erotismo e o amor como fatores civilizadores.

Peter Pelbart enfatiza a dimensão desejante presente no movimento dos secundaristas: "Falamos de um desejo coletivo, onde se tem imenso prazer em ocupar coletivamente um espaço antes policiado, em ir à rua *juntos*, em sentir a pulsação multitudinária, em cruzar a diversidade de vozes e corpos, sexos e tipos, e apreender um "comum" que tem a ver com as redes, com as redes sociais...". Esse entrecruzamento dos laços libidinais e do desejo de fazer atos políticos aparece em falas das rodas de conversa: "Nossa, o Léo, ele sabe, a gente tinha muita vontade, todos os atos que tinham, a gente ia e ele me falava "nossa, vamos juntos!". Ou então aqui: "E quando a gente levou bomba no nosso pé, a gente pensou: não!, nossa sabe quando vai alimentando mais e mais..." e ainda nessa outra fala: "... isso é uma coisa que a gente tá lutando até pelos filhos de vocês, lutando pro futuro, pra hoje e pra tudo. Sei lá, é uma luta realmente de todos."

Escutamos também histórias em que as questões de gênero atravessavam suas lutas e seus posicionamentos de sujeitos. Por exemplo, na ocupação das escolas teve um momento em que eles acharam melhor as meninas falarem com os policiais, pois seriam mais calmas e talvez despertassem menos violência. Falas sobre o feminismo, sobre o lugar dos meninos nas passeatas feministas, sobre o lugar das mulheres na sociedade, no mercado de trabalho, na família e nos esportes surgiram em vários momentos da conversa, como essas:

"Que nem a questão do estupro, sua mãe fala 'ah você não pode usar um shorts desse pra sair na rua, o cara vai querer te estuprar. A mãe está ensinando a filha a não ser estuprada? Porque o Brasil não começa a ensinar os homens a não estuprar?"

⁵ Psicologia das massas, 1921

"você vai pro passeio do Hopi Hari, a menina fica com três caras, ela é vagabunda. O moleque pega um monte de menina, e é normal, ele é o cachorrão."

Ou essa: "Mas eu sempre senti uma coisa dentro de mim que essa sociedade machista me beneficia de diversas maneiras, mas também especialmente pra mim, que eu gosto muito de desenhar, de teatro, sabe, expressão artística num todo, sempre era... "ah não! Então, você é gay! Porque se você gosta disso, então, você é gay". Primeiro que não importa se a pessoa é gay ou não é, segundo, que preconceito é esse que você tá relacionando expressão artística com a orientação sexual?!"

A partir dessas tantas narrativas sobre as questões da sexualidade e de gênero, podemos escutar a importância do lugar dos corpos nas falas desses adolescentes. O corpo é um palco privilegiado de conflitos e expressão de ideias, como diz Miriam Chnaiderman no debate do filme "Gravata e Unhas Vermelhas": "*Hoje, é no corpo que a revolução acontece. Não por acaso, o estado legisla e patologiza o desejo quando ele não obedece aos caminhos usuais*".

(PARA TERMINAR)

O que nos parece fundamental do discurso discriminante e da estratégia desconstrutivista é que o diálogo é necessariamente imprevisível e novo pois não existe uma única resposta possível, decidida a priori e, portanto, seus efeitos são múltiplos. Há uma possibilidade de *transitar* pelas ideias. Nesse sentido, podemos pensar que essas rodas de conversa a partir dessa posição teve um efeito surpreendente tanto sobre nós quanto sobre eles: não sabíamos o que iríamos escutar, estávamos abertas ao que eles diriam e nos transformamos a partir desse encontro, assim como garantimos um ambiente no qual o saber era parcial, produzindo também sobre eles um efeito de troca e de abertura para escutar a alteridade.

As falas finais dos adolescentes ao terminar as rodas de conversa, descrevendo como essa experiência tinha sido para eles, como por exemplo: "Felicidade por me expressar", ou, "Porque a gente tem essa necessidade de falar e aprofundar, fazer um coletivo para conversar", assinalam a maneira que também terminamos nosso texto: percebendo um bom encontro entre o tema que nos propusemos a estudar "subjetividades em trânsito" e o caminho metodológico que escolhemos trilhar para pesquisa-lo. Afinal, as rodas de conversa se mostraram um espaço fecundo de escuta do outro, no qual circularam ideias semelhantes e diferentes, um tempo de refletir, se expressar, digerir, compartilhar, elaborar, enfim, colocar as subjetividades em trânsito.